

## RESENHA/REVIEW

*RUIZ, M. J. F.*

**PARA ALÉM DA LÓGICA DO MERCADO – COMPREENDENDO E OPONDO-SE AO NEOLIBERALISMO<sup>1</sup>**

*BEYOND TO THE LOGIC OF THE MARKET - UNDERSTANDING AND OPPOSING NEOLIBERALISM*

Michael W. APPLE<sup>2</sup> (autor)

Maria José Ferreira RUIZ<sup>3</sup>

O livro *Para além da lógica do mercado: compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo* origina-se da conferência que Michael Apple proferiu no *Congresso Internacional Cotidiano – diálogos sobre diálogos*, promovido pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

Regina Leite Garcia (2005, p. 9-10) afirma que o autor, neste trabalho

[...] retoma as preocupações e os compromissos com a luta por uma escola de qualidade para todos, sintonizada com a luta por uma sociedade mais democrática e solidária, capaz de participar da construção de uma globalização por baixo, em oposição à globalização por cima, cujos resultados desastrosos penalizam a classe trabalhadora e todos e todas que se insurgem contra a subalternização da qual são vítimas.

Michael Apple, apresentado como um dos mais destacados estudiosos sobre currículo e como o “[...] crítico feroz ao impacto na educação de políticas neoliberais” (2005, p. 9), denuncia em um pequeno livro de 95 páginas, as mazelas do processo de imposição do neoliberalismo que aflige o mundo e como este processo vem se manifestando na educação escolarizada. O livro, além da introdução,

<sup>1</sup> APPLE, M. W. *Para além da lógica do mercado – compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo*. Trad. Gilka Leite Garcia, Luciana Axhe. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

<sup>2</sup> - Michael W. Apple é professor titular da cátedra John Bascom de Currículo de Instrução e de Estudos de Política Educacional da Universidade de Wisconsin, Madison, EUA. Foi professor de escolas elementares e secundárias, tendo sido presidente de um sindicato de professores. É autor de vários livros traduzidos em várias línguas.

<sup>3</sup> - Docente da Universidade Estadual de Londrina, UEL, Departamento de Educação, Londrina, Paraná, Brasil - [frui@uel.br](mailto:frui@uel.br)

divide-se em quatro partes intituladas: Mudança no senso comum; Novo gerenciamento em termos de classe; A corrida para a reforma e, finalmente; Sobre as possibilidades.

Para ilustrar como o ideário neoliberal vem sendo avassalador para a educação, Apple apresenta na introdução a Lei do Ensino Fundamental e Médio, conhecida como *No Children Left Behind* (nenhuma criança será deixada para trás), assinada em 2002 pelo presidente Bush. Esta legislação estabelece testes a fim de mensurar se as escolas estão conforme os padrões estabelecidos pelo Estado e responsabiliza as escolas que não funcionam conforme estes padrões pelo seu fracasso reiterado. A escola que não obtiver êxito nos testes por quatro anos seguidos, pode chegar no quinto ano consecutivo de fracasso a ser solicitada a fazer mudanças na sua gestão, o que pode incluir transformar-se em uma fundação-escola, com o Estado assumindo o controle, ou passar a sua administração para uma escola privada.

A maneira como a reforma define fracasso e sucesso não foi bem aceita por alguns estados e distritos estadunidenses, o que provocou rebeliões e muitas reclamações.

Apple foca mais o olhar para o ponto da legislação, uma vez que para ele “[...] trata-se de um elemento-chave, já que costura exigências de medidas de grande responsabilidade, com uma abertura ainda maior para os financiamentos à educação privada” (p. 26). Neste ponto fica evidente a mercantilização da educação, já que esses critérios favorecem a privatização do ensino.

Após a introdução, na qual o autor apresenta sinteticamente a legislação educacional dos Estados Unidos, segue o capítulo intitulado *Mudança no senso comum*. Neste capítulo, Apple prossegue enfatizando que o processo de mercantilização e de controle por meio das avaliações na mão do Estado não é um fenômeno que acontece só nos EUA, e nem somente na área da educação. Este fenômeno vem se alastrando mundo afora e tem alterado o senso comum da população. Na economia de mercado o consumidor passa a ser aquele que deve coletar informações, escolher as melhores propagandas para qualificar os produtos a serem consumidos. Assim, a economia de mercado liberal vai se alastrando e vai sendo construída. Esta cultura invade todos os espaços da vida que passam a ser regidos pela lógica econômica. O autor usa uma frase de Thatcher para ilustrar essa situação, a saber: “a tarefa não se resume a mudar a economia somente, mas a mudar a alma” (p.35).

Os serviços públicos passam a ser vistos, nesta nova cultura, como ineficientes e ineficazes. Nas palavras de Leys, citado por Apple, origina-se assim a “cultura da auditoria”.

Em lugar de uma sociedade de cidadãos, com poder democrático para assegurar a eficiência e o uso correto dos recursos coletivos, e contando largamente com a confiança no setor público, surgiu uma sociedade de ‘auditores’, que se preparam ansiosamente para auditorias e inspeções (2005, p. 39).

Leys ainda prossegue dizendo que professores, escolas e departamentos de assistência social, através dessas auditorias, foram nomeados como fracassados, incompetentes e, por sua vez, as empresas privadas consideradas eficientes pela lógica liberal, foram chamadas a assumir a direção das instituições públicas fracassadas.

Com estes recursos constrói-se no senso comum, através de um trabalho ideológico e de longo prazo, a desqualificação dos serviços públicos. As pessoas começam a ser levadas a acreditar

[...] que tudo que é público é ‘ruim’ e o que é privado como ‘bom’. E qualquer um que trabalhe nessas instituições públicas deve ser visto como ineficiente e necessitado da sensata realidade da competição, para que trabalhe mais horas e mais arduamente.

Desta forma, os funcionários públicos passam a ser vistos pelo imaginário social como ineficazes, usurpadores do dinheiro público e a

[...] ter seu trabalho controlado externamente, e intensificado por pessoas que os criticam sem piedade, sobretudo como no caso das grandes corporações, enquanto esses mesmos negócios descartam suas próprias responsabilidades sociais ao pagarem pouco ou nenhum imposto (p.41-42).

O autor finaliza o capítulo defendendo a existência das instituições públicas que para ele “são o traço distintivo de uma sociedade cuidadosa e democrática” e as únicas capazes de assegurar o direito ao acesso de todos a serviços como a educação, saúde pública, dentre outros. Serviços estes que o mercado até pode oferecer, mas de forma bastante desigual, tendo em vista as diferentes classes sociais. Assim, para Apple a idéia de instituições públicas precisa ser defendida coletivamente, pois estas não são secundárias como quer fazer acreditar o pensamento liberal, mas

são sim “características identificadoras do significado de uma sociedade justa” (LEYS *apud* APPLE, p. 49). Entretanto, o autor enfatiza que infelizmente a privatização, a mercantilização e a avaliação centralizadora vêm invadindo os espaços públicos e encharcando os discursos da população. Mas, Apple considera que há locais que vêm construindo iniciativas pedagógicas e curriculares mais críticas e suscetíveis ao social, experiências estas que podem oferecer elementos significativos para uma outra organização social.

No capítulo a seguir *Novo gerenciamento em termos de classe* o autor vai defender a idéia de que a cultura da auditoria e da avaliação não advêm apenas do capital e de seus aliados políticos que ocupam o Estado, mas advêm também da constituição de uma “nova classe média gerencial”. Esta configuração da classe média especializa-se cada vez mais em técnicas eficientes de gerenciamento, fornecendo apoio profissional e técnico para “responsabilidade, mensuração, controle de produto e testagem que é exigida pelos financiadores de políticas neoliberais de mercantilização e políticas neoconservadoras de um controle central mais rígido na educação” (p. 52).

Esses funcionários do controle vêem as políticas públicas como neutras e acreditam ser benéfico o controle avaliativo sobre a coisa pública. Some-se a isto o fato de estarem preocupados com a futura mobilidade social de seus filhos em um contexto incerto economicamente, fato que, dentre outros, os leva a dedicar grande ênfase às testagens da educação escolar e universitária o que “pode ser visto em vários estados americanos [...] onde os pais pertencentes a essa fração de classe apóiam fundações-escolas, que irão ressaltar conquistas acadêmicas nas matérias e práticas de ensino tradicional” (p. 58).

Após expor algumas tendências sobre o aumento da mercantilização e a invasão do neoliberalismo na vida pública, Apple no capítulo *A corrida para a reforma*, vai dar atenção especial à questão racial, colocando-a no centro de sua análise. Para o autor vem acontecendo um processo complexo de desarticulação e rearticulação discursiva que une o movimento negro com as lideranças conservadoras. Isto ocorre à medida que reformas e políticas neoliberais afirmativas e de reconhecimento, orquestradas por lideranças conservadoras, ofertam planos e bolsas de estudos aos afro-descendentes. Essas bolsas, em sua grande parte, advêm de fundos e fontes liberais e são aceitas pelos ativistas negros que supõem estarem no controle da situação. Assim “se vêem como se estivessem ocupando uma posição estratégica para

conseguir financiamento de fonte conservadoras” que auxiliarão na educação das crianças negras.

Entretanto, Apple entende que os grupos financeiros que incentivam estas políticas, sabem exatamente o que estão fazendo e como utilizar o movimento dos ativistas negros a seu favor em longo prazo, à medida que estes grupos se aliam aos neoliberais e neoconservadores. Por outro lado, o autor reconhece que

[...] membros de grupos historicamente oprimidos e marginalizados ‘sempre’ tiveram que agir em terreno alheio, sempre tiveram que agir estratégica e criativamente para ganhar algum apoio de grupos dominantes na tentativa de levar suas causas adiante (LEWIS apud APPLE, p. 59).

Apple se preocupa com as conseqüências futuras para a educação da comunidade negra nos EUA, tendo em vista as políticas neoliberais. Julga que em longo prazo os resultados podem ser trágicos e aumentar a desigualdade entre as escolas, já que estas políticas prevêem a construção de escolas específicas para comunidades negras, o que para ele poderia aumentar a segregação racial e enfraquecer as mobilizações sociais coletivas. Ao priorizar as necessidades raciais cria-se uma ideologia individualizante, que pode vir a ter um efeito negativo “sobre a necessidade de mobilizações sociais maiores em constante crescimento, que apontem para transformações reais na esfera pública”. Em outras palavras, trata-se de separar e fragmentar os movimentos que lutam pelo bem comum e pela superação do atual modelo social, com o objetivo de enfraquecer estes movimentos.

A finalização da exposição do autor é apresentada no capítulo *Sobre as possibilidades*. Apple retoma as idéias principais a respeito da cultura da auditoria e da invasão do ideário neoliberal em todas as esferas da vida pública e esclarece que é necessário construir “um retrato muito mais cheio de nuances e complexo das relações e projetos de classe para entender o que está acontecendo” (p. 79). Enfatiza que é imperativo evidenciar o que é preciso mudar e o que é preciso permanecer e, portanto, deve ser defendido. Traz o exemplo das universidades públicas entendendo que muito do que está posto ali precisa mudar, já que estas instituições historicamente foram construídas sob um passado elitista. Mas, é necessário o constante questionamento sobre o que especificamente é necessário mudar e o que se quer defender, para não se deixar levar na onda neoliberal.

Apple encerra citando que algumas localidades fornecem exemplos poderosos do que pode ser feito para construir uma educação que se preocupe com as complexidades de classe, raça, gênero e outras circunstâncias sociais, e que procure melhorar as vidas de hoje e de amanhã dos menos favorecidos da comunidade.

Ainda prossegue afirmando que dentro de cada instituição educacional, em todos os níveis, dentro dos buracos e das lacunas há práticas contra-hegemônicas sendo construídas e defendidas. Mas, elas são, freqüentemente, isoladas uma das outras e nunca se organizam em movimentos e estratégias coerentes.

Apresenta muito brevemente o seu livro *Democratic Schools*, escrito em parceria com Beane. Ao redigirem este livro, Apple considera que agiriam como secretárias “para educadores socialmente críticos” e questiona se não seria possível que nos colocássemos a serviço, como secretárias, para os colegas e ativistas do campo da educação, divulgando suas idéias, resistências e experiências bem-sucedidas, que poderiam “confirmar a possibilidade de avançar para construir uma esfera pública reconstituída nos espaços em que vivemos e trabalhamos”.

RUIZ, M. J. F. Beyond to the logic of the market - understanding and opposing neoliberalism. *Revista ORG & DEMO* (Marília), v. 10, n.1, p. 5-30, jan./dez., 2009.